

Sexta-feira

Torres de refrigeração e estações de tratamento de águas residuais. Finstock, Charlbury, Ascott-under-Wychwood. A cento e doze quilómetros por hora, o comboio desabotoa os campos, duas linhas cinzento-aço que serpenteiam paralelas ao rio. Reflexos de sol no metal batido. Um toque de vapor em tudo aquilo, até mesmo agora. Hogwarts e Adlestrop. O correio noturno a atravessar a fronteira. O Cheyenne que se curva pelo espinhaço abaixo. *Blues* do Delta, vindos do vagão fechado. Algures, aqueles pontos secretos que podem mudar de direção e enviar-nos desprevenidamente para um mundo de bagageiros uniformizados, tias-avós e verões no lago.

Angela encostou-se à janela fria, hipnotizada pelas linhas elétricas enquanto, repetidas vezes, aquelas descaíam e eram erguidas pelo guindaste formado pela ponte seguinte. Estufas de polietileno como colchões de prata, remoinhos indecifráveis de *graffiti* num tapume de tijolo. Enterrara a mãe há seis semanas. Um homem barbudo, com um fato de cotoveleiras lustrosas, a tocar «Danny Boy» numa gaita de foles de Northumbria. Tudo fora de alinhamento, o adesivo na mão do vigário, a mulher que perseguia por entre as lápides o chapéu soprado pelo vento, o cão que não pertencia a ninguém. Pensou que a mãe deixara o mundo já há muito tempo, e que as visitas semanais serviam mais para seu próprio benefício. Carneiro cozido, FM clássico e uma cadeira sanitária de plástico cor de carne. A sua morte devia ter sido um alívio. Depois, quando a primeira pazada de terra atingiu o caixão, um soluço ergueu-se-lhe no peito e ela percebeu que a mãe fora... o quê? Uma pedra basilar? Uma barragem?

Na semana que se seguiu ao funeral, Dominic estava encostado ao lava-loiça a esfregar o interior de uma jarra verde. Os restos de neve, anormal para a época, ainda se amontoavam de um dos lados do barracão, e o estendal giratório virava-se com o vento. Angela entrou com o telefone na mão, como se aquele fosse um objeto misterioso que encontrara na mesa do vestíbulo.

— Era o Richard.

Dominic pousou a jarra no corredor de arame, com o fundo virado para cima.

— E o que é que ele queria?

— Ofereceu-se para nos levar de férias.

Dominic secou as mãos no pano da loiça.

— Estamos a falar do teu irmão ou de um Richard inteiramente diferente?

— Estamos mesmo a falar do meu irmão.

Ele não sabia o que dizer. Durante os últimos quinze anos, Angela e Richard não tinham passado mais do que uma tarde na companhia um do outro, e o seu reencontro no funeral parecera meramente formal.

— Qual é o local exótico?

— Ele alugou uma casa na fronteira galesa. Perto de Hay-on-Wye.

— As praias de areia fina de Herefordshire. — Dobrou o pano da loiça ao meio e pendurou-o em cima do radiador.

— Eu aceitei.

— Bem, obrigado por me consultares.

Angela interrompeu-o e susteve-lhe o olhar.

— O Richard sabe que não nos podemos dar ao luxo de pagar umas férias. Tenho tanta vontade de ir como tu, mas não tive grande escolha.

Ele levantou as mãos.

— Tens razão. — Tinham tido aquela discussão demasiadas vezes. — Então, que seja Herefordshire.

Serviço Cartográfico e Topográfico Oficial 161. Os Montes Black/Y Mynyddoedd Duon. Dominic levantou a capa cor-de-rosa e desdobrou

a concertina formada pelo mapa extenso. Desde criança que adorava mapas. Aqui há monstros. O X marca o lugar. As bordas do papel amareleciam e enrugavam-se com um fósforo aceso, mensagens faiscavam de pico a pico usando triângulos de espelho partido.

Olhou de lado para Angela. Tão difícil recordar aquela rapariga do outro lado do *pub* do sindicato, os seus ombros naquele vestido azul de verão. Agora repugnava-lhe, o seu tamanho e desmazelo, as veias nas canelas, quase uma avó. Sonhava que ela morria inesperadamente, e que ele redescobria todas aquelas liberdades que perdera há vinte anos. Cinco minutos depois, tinha o mesmo sonho e lembrava-se de como as utilizara tão pouco da primeira vez; ouviu o guinchar das rodas da carruagem e viu os sacos de fluido. Todas aquelas outras vidas. Nunca temos a oportunidade de as seguir.

Olhou pela janela e viu um barco estreito no canal vizinho, um imbecil barbudo ao leme, cachimbo, caneca de chá. «Ó do barco.» Que maneira estúpida de passar umas férias, a bater com a cabeça de cada vez que nos levantávamos. Uma semana num barco com Richard. Só de pensar nisso. Estavam no meio de lado nenhum, graças a Deus. Se as coisas se tornassem demasiado complicadas, podia subir aos montes e gritar para o céu. Para ser sincero, era com Angela que estava preocupado. Toda aquela fricção tensa entre irmãos. Não se tentar intrometer, e por aí fora.

O cabelo de Richard, sim. Agora que pensava nisso, era aí que o mal residia, naquela cabeleira negra e luxuriante, como as presas de uma morsa macho, um aviso aos machos beta. Ou como uma criatura inteiramente única, alguma forma de vida alienígena que enfiara ventosas no seu crânio e estava agora a utilizá-lo como veículo.

As crianças estavam sentadas do lado oposto. Alex, dezassete anos, estava a ler *Main Force*, de Andy McNab. Daisy, dezasseis, lia um livro chamado *The Art of Daily Prayer*. Benjy, de oito, revirara-se tanto que tinha os pés no encosto da cabeça e a cabeça pendurada da borda do assento, os olhos fechados. Angela tocou-lhe no ombro com a biqueira do sapato.

— Que raio estás a fazer?

— Estou a cavalo, a decapitar nazis *zombies*.

Pareciam-se com crianças de três famílias diferentes: Alex, o atleta, todo ombros e bíceps — em fins de semana alternados, de partida para locais distantes, imensos e azuis, para fazer canoagem, ciclismo de montanha; Benjy, uma espécie de rapaz líquido, que parecia derramar-se por qualquer espaço que ocupava; e Daisy... Angela perguntou-se se algo de terrível acontecera à sua filha durante o último ano, algo que pudesse explicar a humildade arrogante, o modo como se tornara tão ostensivamente simples.

Mergulharam num túnel, e as janelas bateram e chocalharam. Ela viu uma mulher gorda, de meia-idade, a pairar ali na penumbra durante alguns segundos antes de desaparecer num clarão de luz solar e álamos, e regressou ao seu corpo, o vestido apertado na cintura, gotas de suor no fundo das costas, aquele cheiro a comboio, poeira ardente, travões quentes, o ligeiro fedor das casas de banho.

Carter pousou a bota no ombro do homem e fê-lo rolar. Aquilo não podia estar a acontecer. Ele matara Bunny O'Neil. Há dez anos que tinham treinado juntos, nos Cairngorms. O que é que estava um antigo capitão das ex-SAS a fazer no meio do Afeganistão, armado com uma metralhadora soviética do mercado negro, a tentar assassinar um chefe multimilionário de uma construtora internacional?

No fundo da carruagem, o cobrador estava agachado ao lado de uma mulher frágil como um pássaro, de cabelo comprido e grisalho, óculos pendurados num cordão vermelho.

— Então, embarcou no comboio sem bilhete e sem meios para o pagar? — Cabeça rapada, tatuagem azul e desbotada no antebraço carnudo.

Angela quis pagar o bilhete da mulher, e salvá-la do homem ameaçador.

A mulher parecia estar a tentar apanhar algo de invisível no ar, com as suas minúsculas mãos com manchas de fígado.

— Não posso...

— Está alguém à sua espera em Hereford? — Uma ternura na voz do homem, que de início Angela não ouvira. Tocou suave-

mente no braço da mulher, para lhe chamar a atenção. — Talvez um filho ou uma filha?

A mulher arranhou o ar.

— Não consigo bem...

Angela sentiu um formigueiro no canto do olho e desviou o olhar.

Richard voltara a casar há seis meses, e ao fazê-lo adquirira uma enteada. Angela não fora ao casamento. Edimburgo era um lugar muito distante, estava-se em tempo de aulas, e eles nunca se tinham sentido como irmão e irmã; apenas duas pessoas que, de poucas em poucas semanas, falavam por instantes ao telefone para debaterem as fases do declínio da mãe. Conhecera Louisa e Melissa pela primeira vez no funeral. Pareciam ter sido compradas a um preço exorbitante de um catálogo exclusivo, pele imaculada e botas de cabedal preto a condizer. A rapariga olhou para ela e não desviou os olhos quando Angela lhe retribuiu o olhar. Cabelo abaixo das orelhas, de um castanho-arruivado, saia de ganga preta, curta mas não excessivamente curta para um funeral. Tanto resplendor e escárnio aos dezasseis anos. «A Melissa está a dirigir uma peça na escola. O *Sonho de Uma Noite de Verão*.»

Algo um pouco «mulher de futebolista», em relação a Louisa. Angela não a via a ir ao teatro ou a ler um livro sério, nem conseguia imaginar as conversas que ela e Richard podiam ter quando estavam sozinhos. Mas a opinião de Richard a respeito de outras pessoas sempre fora um pouco instável. Dez anos casado com a Bruxa Ruiva. Os presentes que comprara aos miúdos durante a sua última visita, tanto esforço dirigido na direção errada. O anuário de futebol de Benjy, a pulseira de Daisy. Perguntou-se se ele estaria a criar uma nova versão do mesmo erro, por ela não ser simplesmente Jennifer, e por ele ter subido mais um degrau na escada social.

— Vou à casa de banho. — Benjy levantou-se. — A minha bexiga está tão incrivelmente cheia.

— Não te percas. — Tocou-lhe na manga.

— Não nos podemos perder num comboio.

— Um pervertido doentio pode estrangular-te — disse Alex — e atirar o teu corpo pela janela.

— Dou-lhe um murro na vorilha.

— Virilha — disse Alex.

— Varilha, virilha, verilha... — cantarolou Benjy, enquanto avançava pela carruagem.

Acabamos por descobrir que não precisamos de silêncio. Não precisamos de solidão. Já nem sequer precisamos de palavras. Podemos tornar todas as nossas ações sagradas. Podemos cozinhar uma refeição para a nossa família, e isso transforma-se numa oração. Podemos ir dar um passeio pelo parque, e isso transforma-se numa oração.

Alex fotografou uma manada de vacas. A nível evolucionário, de que servia ser-se preto e branco? Odiava violência real. Ainda conseguia ouvir o estalar da perna de Callum, naquela noite em Crouch End. Sentia-se doente quando via imagens do Iraque ou do Afeganistão. Nunca contara aquilo a ninguém. Mas Andy McNab domava a violência, transformando-a num desenho animado. E agora estava a pensar em Melissa, a abrir o fecho-éclair daquela camisa de ganga preta. A palavra *abrir* provocou-lhe uma ereção, que tapou com o livro. Mas fazia mal gostar-se da enteada do nosso tio? Algumas pessoas casavam com os primos e isso era aceitável, a não ser que tivessem ambos genes recessivos de qualquer coisa má, e os filhos nascessem completamente lixados. Mas as raparigas que andavam em escolas privadas estavam secretamente ansiosas por isso, com os seus bronzeados e as suas cuecas brancas a cheirar a amaciador. Só que era provável que não falasse com ele, pois não, porque as raparigas só falavam com imbecis de cabelo comprido e calças de ganga muito justas. Por outro lado, as coisas habituais ficavam mais ou menos suspensas durante as férias e talvez partilhassem uma casa de banho, e ele entrasse e abrisse a porta do chuveiro, e lhe apertasse as mamas ensaboadas até ela gemer.

Um homem está encurralado num apartamento quente por cima do estaleiro, a tratar da mulher que irá viver o resto dos seus dias naquela cama, a ver aquela televisão. Ao fazerem sete semanas de idade, duas irmãs gémeas são separadas e não têm conhecimento uma da outra, apenas sentem uma ausência que caminha ao seu lado pela

estrada. Uma rapariga é violada pelo namorado da mãe. Uma criança morre e não morre. *Família*, essa palavra esquiva, uma estrela por cada latido deambulante, e todos a navegar sob um céu diferente.

E depois havia o seu quarto filho, a criança que mais ninguém conseguia ver. Karen, o seu fantasma secreto e amado, que viera ao mundo morta, há tantos anos. Holoprosencefalia¹. Os genes Hox² a falharem, ao longo da divisão central da sua cabeça. O seu pequeno monstro, feições a fundirem-se no meio do rosto. Tinham-lhe dito para não olhar, mas ela olhara e gritara com eles para que levassem aquela coisa. Depois a altas horas da noite, enquanto Dominic dormia e a enfermaria estava silenciosa, quisera outra vez aquele minúsculo corpo danificado nos braços, porque podia aprender a amá-lo, podia mesmo, mas a direção mudara e Karen afastara-se para o mundo paralelo que ela por vezes entrevia de carros e comboios, os barracões de teia de aranha e os acampamentos ciganos, os tapumes e os estaleiros de sucata, o mundo que visitava em sonhos, tropeçando entre excrementos de cão e urtigas, o ar melado devido ao calor, atraída pela voz de uma rapariga e pelo vislumbrar de um vestido de verão. E na quinta-feira seguinte seria o décimo oitavo aniversário de Karen. E era aquilo que ela odiava em relação ao campo, nenhuma distração do funcionamento reprovador e perturbado do coração. «Vais adorar», dissera Dominic. «Habitantes locais consanguíneos a cercarem de noite a casa, com forquilhas e ferros em brasa.» Ele não o compreendia, tal como não conseguia compreender tanta coisa naqueles últimos tempos.

¹ Nome de transtorno, caracterizado pela ausência do desenvolvimento do prosencéfalo, lóbulo frontal do cérebro do embrião, e que causa defeitos no desenvolvimento da face e na estrutura e funcionamento do cérebro. (NT)

² Subgrupo dos genes Homeobox, que controlam o desenvolvimento e diferenciação posicional das células no embrião. (NT)